[(1881), *A Republica Federal*, ano II, nº 12, 5 de Julho (Ponta Delgada)]

NADA NASCEU NEM NASCE PERFEITO. (ESTUDOS POPULARES) ([1])

> «Aquele que uma vez entreviu, embora somente na sua generalidade, os resultados da ciência actual e compreendeu as relações naturais e necessárias da ordem cósmica eterna, não saberá daí por diante arrastar-se debaixo dos pés do clero, nem voltar à tradição da disciplina legendária. Ele está crescido demais para voltar para a escola: a criança tornou-se homem. A natureza deu-nos a nossa razão, não para que a escravizemos a uma autoridade coxa, mas para que façamos dela o melhor uso possível, e nos tornemos melhores e mais sábios.» Büchner (1876), *Força e Matéria*, 5.ª ed. francesa, p. 44.

O título deste folhetim é um axioma é uma verdade que não carece de demonstração.
Aplicada ao indivíduo humano ela não tem sido, nem pode ser contestada; mas, coisa estranha, quando se trata da humanidade, ela é taxada de proposição absurda pelos naturalistas de sacristia que afirmam que as palavras contrárias — o homem nasceu perfeito, são uma verdade bíblica.
Estas personalidades têm a presunção de supor que a marcha do progresso científico é dependente das suas afirmações.
O homem para eles não é (como outro qualquer animal) um conjunto de células, de elementos anatómicos essencialmente os mesmos e apenas diversamente agrupados — DIFFERINDO EM ASSOCIAÇÃO E QUANTIDADE E NÃO EM QUALIDADE. Adão e Eva apresentam-se-lhes como realidade, provando que o homem foi sempre uma criação à parte, um ente privilegiado que não soube conservar-se no seu primitivo esplendor. A vida paradisíaca é uma vida esplendorosa!
Pelo simples facto de terem comido um fruto, que, se todas aquelas histórias se pudessem ter dado, era na realidade bem puerilmente proibido, os homens primitivos foram condenados ao trabalho e por tanto decaíram! Como se o trabalho não fosse uma condição da existência do Universo e a maior nobreza do homem!
Ah! eterna súcia de vadios!
Não, meus senhores. O homem não deve a sua existência a uma criação especial, e, assim como a criança não nasce, com a experiência nem com a forma precisa que deve ter o homem feito, a humanidade não vem de formas semelhantes àquelas que tem hoje.
Saída das espécies animais, donde devem ter saído também os grandes macacos que hoje vivem nos países tropicais, a humanidade foi, de conquista em conquista, tirando da *luta pela existência* (luta universal e implacável a que não escapa nenhum vivente), o maior e melhor número de louros, jamais nenhuma outra espécie pôde retirar do grande campo de batalha que se chama Terra. Eis aí todo o privilégio humano.
O homem, considerado assim à luz da razão e nas induções da embriologia e da arqueologia pré-histórica, não decaiu nunca, e a evolução da humanidade, vista com as luzes brilhantes da teoria de Darwin, é um rosário de enobrecimentos.
A mão! E, em vez da expulsão dum *paraíso* de fastio e ociosidade, eis aí a conquista dum mundo de desejo e de trabalho!

([1]) Arruda Furtado, *O homem e o macaco*, p.12

Um homem existiu pela primeira vez, desde que a mão dum animal pôde ser dispensada da marcha. Então o corpo da besta, apoiando-se apenas nos pés, modificou-se profundamente; e essas modificações, fixadas e acumuladas em cada geração, determinaram a única *criação* logicamente e cientificamente possível, da humanidade. A mão saída de cima dos abrolhos e das pedras, passou aos ramos para trepar, depois aos ramos para se apoiar em pé durante a marcha e enfim o momento veio em que ela lascou o primeiro sílex para fazer um instrumento, em que as lascas da pederneira, caindo nas folhas secas, mostraram aos primeiros homens como deviam conquistar o fogo.

Todo o progresso da humanidade tem por base primitiva, não uma concessão divina, mas estes três factos simples, determinados evolutivamente em que nada existe de maravilhoso e especial — uma mão que lascou uma pedra, uma centelha que partiu dessa pedra, uma folha que se queimou na centelha. Foi isto que produziu o choque das primeiras e grandes ideias e que mostrou ao homem o partido que podia tirar da natureza. Daqui um sem número de curiosidades, de descobertas, de aperfeiçoamentos, de necessidades satisfeitas, uma experiência: sem limites, o que tomar-se como simbolizado no fruto proibido de que fala a *Bíblia*, *fruto* que, se não podia destruir o conhecimento do mal, deu-nos o conhecimento de todo o Sumo-Bem e, portanto, a própria *Bíblia* reconhece aí o primeiro passo para um aperfeiçoamento.

Não carecemos nem trataremos de evidenciar aqui, pelos documentos pré-históricos, a imperfeição, a bestialidade do homem primitivo. Iremos menos aridamente, se o julgarem assim, ver como a humanidade é ainda hoje imperfeita e bestial, e, como aquilo que menos deve melindrar a vaidade dos que se apregoam feitos *à imagem e semelhança de Deus* é a questão da forma, nós deixaremos o estudo do físico e tomaremos por ora o estudo de boa parte do moral. Por aquilo de que a humanidade não pôde ainda liberta-se, se poderá facilmente ajuizar da perfeição do seu nascimento.

Mas, antes de irmos às narrações dos viajantes modernos, convém citar os sábios da Igreja, porque é sempre gostoso tirar a bengala da mão do agressor e dar-lhe com ela.

Todos os nossos adversários têm Salomão como um homem verdadeiramente sábio, e cuja experiência fez a maior admiração do tempo e a dos vindouros até hoje inclusivamente. Mas o que talvez nem todos eles saibam é que Salomão tinha umas ideias muito positivistas sobre a perfeição inicial e subsequente da humanidade, e sobre o seu destino.

É isto que vamos mostrar, não para tentar convencê-los ou obrigá-los a concordar, mas para que se veja bem o que eles escondem, e como, em vez de tomarem no texto bíblico aquela parte que é racional e simples, eles vão sempre pregando o que é embrulhado e fora do alcance dos conhecimentos humanos.

O nosso caminho é precisamente o oposto e por isso vamos admirar em Salomão a parte do seu espírito que consideramos como distante precursora da filosofia moderna.

No *Livro do Eclesiastes* inserido no Novo Testamento e que todos lhe atribuem, lê-se:

Cap. I.

12 « Eu o *Eclesiastes* fui rei de Israel em Jerusalém.

14 Eu vi tudo o que se passa debaixo do sol, achei que tudo era vaidade, e aflição de espírito.».

15 Os perversos dificultosamente se corrigem, e o número dos insensatos é infinito.

Estava por certo bem longe de considerar a humanidade perfeita e de ver um privilégio em ser perverso e insensato quem nestes outros versículos a considerava tão aparentada com os irracionais:

Cap. III

18 Eu disse no meu coração acerca dos filhos dos homens que Deus os provava, e lhes mostrava que eram semelhantes aos brutos.
19 Por isso uma é a morte dos homens, e dos brutos, e de uns e outros é igual a condição: todos respiram da mesma sorte, e o homem não tem nada de mais do que o bruto (*et nihil habet homo jumento amplius*): tudo está sujeito à vaidade.
Os intérpretes, temem esta filosofia: não escondem o receio de que os materialistas possam tirar partido dela, e escrevem compridas notas, pedindo que se não entenda que Salomão quis duvidar da imortalidade da alma, e que no versículo precedente ele se refere apenas à parte material.
Mas o que nós podemos, porém, afirmar, é que Salomão duvidou e que insistiu muito em que a imortalidade era coisa que se podia acreditar, mas de que ninguém podia dar uma forte prova; e que no último versículo citado, ele se refere ao espírito também, porque *vaidade*, a que diz estarem igualmente sujeitos homens e brutos, não pode ser tomada por nenhum espiritualista como produto da matéria.
Nesta parte do *Eclesiastes* deve confessar-se que existe um conhecimento admirável da consanguinidade, directamente derivada ou não, de toda a escala animal, e que Salomão pressentia já o que hoje é plenamente confirmado por todos os mais eminentes fisiologistas: – que a alma humana, como diz Büchner, não difere da alma dos animais em qualidade, mas apenas em quantidade.
Continuemos:
20 e todos eles (*homens e brutos*) caminham a um lugar: de terra foram feitos, e em terra se tornam do mesmo modo.
21 Quem sabe se o espírito dos filhos de Adão subirá para cima e se o espírito dos brutos descerá para baixo? (*si spiritus filiorum Adam ascendat sursum, et si spiritus jumentorum descendat deorsum?*).
22 E eu reconheci que nada havia melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras, e que esta era a parte que lhe cabia. Porquanto quem o poderá pôr em estado de conhecer, o que há-de ser depois dele?
Encerra-se aqui a dúvida, o cepticismo de todos os tempos, e é evidentíssimo que a palavra *espírito* não pode tomar-se pelo corpo; há uma aspiração de conduta positivista (alegrar-se o homem nas suas obras, porque essa é a parte que lhe cabe), que veremos admiravelmente desenvolvida mais tarde; e uma pergunta que mostra até à saciedade, juntamente com muitas outras do mesmo género, que o autor do *Livro do Eclesiastes* insistiu em chamar a atenção sobre a impossibilidade que há em provar a imortalidade da alma do homem (ninguém o poderá pôr em estado de conhecer o que há-de ser depois dele).
Outro tanto não fazem os teólogos de hoje, que dão isso como certo e incapaz de admitir a melhor dúvida, e que, em vez de aconselharem que se trate do que é positivo e de uma utilidade imediata, ocupam-se em distrair as massas para coisas que ninguém ainda viu senão na sua imaginação e de que ninguém ainda cá veio contar os benefícios recebidos. Mas os estados teológico e metafísico são aberrações da humanidade, e o carácter de positividade do século presente afirma-se com rigor: a sã filosofia pré-católica descrimina-se e revive aos impulsos da moderna ciência; revivem as religiões sem Deuses, e os povos vão-se desenganando de que, enquanto

houver que fazer alguma coisa certa e útil, o homem não tem tempo para, como vulgarmente se diz, *correr atrás de foguetes*.

(Continua)

[(1881), *A Republica Federal*, ano II, nº 13, 12 de Julho (Ponta Delgada)]

NADA NASCEU NEM NASCE PERFEITO
(continuação do número antecedente)

Salomão como tantos outros filósofos bíblicos, estava bem longe de ser o que são hoje aqueles que falsamente o interpretam.
Ele tinha a mais elevada compreensão do destino do homem. Quase sempre no fim dos seus capítulos, quando vinha desenganado de que *é vão e inútil o estudo do incognoscível e do indemonstrável*, o rei sábio terminava por se lançar abertamente e como em conclusão final de todos os debates do seu espírito, num pensamento como este: - *e eu achei que o melhor era alegrar-se o homem nas suas obras, porque esta é a parte que lhe cabe.*
Salomão é um desses primeiros pensadores que aparecem na história, cujo cérebro luta para sacudir de si por uma vez a fascinação, com que as coisas desconhecidas e inexplicáveis assaltam o espírito humano, distraindo-o da vida prática, sem a qual tudo o mais será muito bonito, mas imensamente prejudicial.
Se tivesse de haver uma existência pessoal depois da morte, ela não se afirmaria vantajosamente senão para aquele cuja vida tivesse sido cheia de boas obras, e as boas obras não são irem as mulheres para a novena deixando os maridos sem ceia, nem tirar da boca dos filhos para dar à do Papa, nem tão pouco metermo-nos todos num canto a chorar com medo do que nos dizem que pode vir.
Portanto, trate cada um de fazer aos outros aquilo que deseja que lhe façam, trate de conhecer o que é útil para a vida, quer directamente, quer pelas induções a aplicações que se tirarem desses conhecimentos, e o resto há-de ser o que for.
É o que Salomão resumiu de toda a sua experiência, e ainda que ele em alguns pontos mostrasse o crer na imortalidade da alma, em parte alguma renuncia expressamente às dúvidas que sobre isso exprimiu, nem o julga o contrário dum ponto de fé cuja prova reside apenas na convicção pessoal; ele não renunciou à pergunta sobre o destino do *spiritus filiorum Adam* e do *spiritus jumentorum*: essa pergunta fica de pé como a expressão da mais prudente dúvida.
No espírito de Salomão (que os católicos têm de anatematizar ou de seguir) estava pois cortada essa linha de superioridade absoluta entre o homem e os animais que os nossos adversários ainda invocam, demarcação baseada na suposta existência de um espírito cuja essência divina e cuja imortalidade individual eles julgam plenamente demonstráveis.
Mas vejamos melhor. Há mais que admirar nos escritos que vamos estudando; há mais por onde discernir o verdadeiro espírito do *Livro do Eclesiastes*, e atenda-se para isto a que, no tempo em que ele foi escrito, ninguém se atrevia a soltar assim as suas dúvidas sem que as sentisse profundamente.
Têm muito que nos enleve e que nos faça pensar, os trechos que seguem:

Cap. VII

Que necessidade tem o homem de buscar o que é acima dele, quando ele ignora o que lhe é conducente na sua vida, em quanto dura o prazo dos dias da sua peregrinação, e o tempo que passa como sombra? Ou quem lhe poderá mostrar que é o que está para suceder depois dele debaixo do sol?

É forçoso confessá-lo: a máxima em que Littré e Comte souberam edificar o Novo Culto – O Positivismo, não é em nada superior a este versículo. Littré, se bem nos lembra, formulou-a quase palavra por palavra.

Eclesiastes

Cap. IX

2 Mas tudo se reserva incerto para o futuro, visto acontecerem todas as coisas igualmente ao justo e ao injusto, ao bom e ao mau, ao puro e ao impuro, ao que sacrifica vítimas e ao que despreza os sacrifícios: assim como é tratado o bom, assim também é o pecador; do modo que o que é o perjuro, assim o é também aquele que jura verdade.
3 Isto é o que há de pior entre tudo o que se passa debaixo do sol, o sucederem a todos as mesmas coisas...

Se Salomão tivesse pensado leviana ou mercenariamente como os nossos teólogos, teria dito que tudo se reservava certo para o futuro, que a igualdade do que por aqui sucedia ao *justo e ao ímpio, ao puro e ao impuro,* seria na vida *eterna* seguida de uma desigualdade proporcional: que o justo atribulado na terra seria recompensado, que o injusto regalado no mundo teria devido castigo. Mas o filho de David quer dizer precisamente o contrário: que ninguém sabe se esta *injustiça divina* que vemos por cá, se há-de continuar do mesmo modo por *lá*. Continua bem clara a dúvida constante. Nesta parte não cessa de ficar banida a crença no privilégio humano.
Vejamos mais do mesmo capítulo do *Eclesiastes:*

4 Não há ninguém que viva sempre nem que tenha esperança disto: mais vale um cão vivo do que um leão morto.
5 Porque os que estão vivos sabem que hão-de morrer, porém os mortos não sabem mais nada, nem daí por diante eles têm alguma recompensa: porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento.

Isto é bastante claro.
Vem depois a aspiração a uma conduta positivista que já tivemos ocasião de notar, e que agora é revestida de sublime poesia:

7 Vai pois e come o teu pão com alegria, e bebe com gosto o teu vinho: porque a Deus agradam as tuas obras.
10 Obra com presteza tudo quanto pode fazer a tua mão: porque na sepultura, para onde tu te apressas, não haverá nem obra; nem razão, nem sabedoria, nem ciência!

Hoje, do nosso lado não se expõe doutrina mais positiva. — «Planear como quem tem de viver cem anos, e executar como quem tem de morrer amanhã, era a regra de Littré.
Podemos pois afirmar que o autor do *Livro do Eclesiastes* foi uma das parcelas mais brilhantes que se foram legando e acumulando na série dos filósofos que mais directamente ajudaram a preparar o regimen da nossa filosofia positiva, porque é uma

grande verdade o que Gustavo Le Bon exprime nestas palavras: «Das influências diversas que conduzem o homem, a mais poderosa ainda é a dos mortos.» ([2]).
«A hereditariedade, tem ele escrito antes, cria a forma do corpo, o cáracter, a moral e as crenças, e é impossível compreender a mínima coisa do presente sem se referir ao passado que o produziu. Foi ele que pôs em nós estes sentimentos sem os quais nenhuma sociedade é possível, estas aptidões intelectuais sem as quais nenhuma civilização pode crescer. Todas essas gerações que dormem no pó, vivem hoje em nós.» ([3]).
Schopenhauer tinha já escrito: — «Aonde estão os mortos?. Em nós mesmos. Apesar deles terem desaparecido, nós estamos ainda todos juntos.» ([4]).
A ciência moderna é pois, obrigada a ver em Salomão um dos factores directos que determinaram a elaboração desse passado de dúvidas e aspirações indefinidas sem o qual o Positivismo verdadeiro não teria nascido.

(Continua)

([2]) Büchner, no seu livro *Força e Matéria*, à frente do Cap. - «Períodos da criação», põe o vers. 4 do 1.º cap. do *Livro do Eclesiastes*: - «Uma geração passa, outra aparece, mas a terra permanece».
([3]) Dr. Gustave Le Bon – *L'homme et les sociétés*, 2.º partie, 1881, p.182.
([4]) Büchner – *Ciência e Natureza*.

[(1881), *A Republica Federal*, ano II, nº 14, 12 de Julho (Ponta Delgada)]

NADA NASCEU NEM NASCE PERFEITO
(continuação do número antecedente)

Passemos a alguma contradições do *Génesis* sobre a perfeição inicial que parece atribuir ao homem, quando diz que *Deus o criou à sua imagem.*
Há dois pontos no *Génesis* que nos dão sobejamente para provar que Moisés não pensou em ocultar-nos a imperfeição genésica da humanidade.
A serpente diz a Eva:

Génesis

Cap. III

5 Porque Deus sabe que tanto que vós comerdes desse fruto, se abrirão vossos olhos; e vós sereis como uns Deuses pelo conhecimento, que tereis do bem e do mal.

Depois de terem sido criados por Deus à sua imagem e semelhança, é curioso vê-los ser *como uns Deuses* só depois de comerem o fruto! Por certo que, sendo assim, não era cousa ignóbil e pouco acertada o pecado original. A suposta *verdade bíblica* não é pois tão fácil de encontrar como parece à primeira vista.
Mas deixemos as armas da ironia e tomemos a lenda do fruto proibido apenas como símbolo da reconhecida experiência que o homem foi adquirindo, e com que se foi resgatando espiritualmente do seu estado brutal. Saibamos ver sempre em Moisés, o primeiro geólogo que aparece na história, e separemos o que é a expressão pura dum conhecimento cientifico, do misticismo da época talvez necessário para domar os povos.
A segunda contradição é a seguinte:

Génesis

Cap. VIII

21 ... e ele (o *Senhor*) disse (a *Noé*): não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens; porque o espírito, e o pensamento do coração do homem são inclinados para o mal desde a sua mocidade...
Desde a sua mocidade, está em harmonia com a afirmação, não importa se inconsciente, do estado imperfeito de Adão e Eva, imperfeição que chegou a ponto de os deixar tentar por uma banana qualquer, de os deixar obedecer ao diabo e desobedecer a Deus. Não se pode argumentar, como é uso velho, que essa imperfeição lhe veio apenas depois do pecado original, porque estar sujeito a pecar, embora pela primeira vez, não implica por modo algum um grau de perfeição mais elevado do que o subsequente.
No *Paraíso* pois não havia inteligência, havia instinto e as tentações do paladar, a prosa chata das exigências da barriga, predominavam sobre todas as coisas.
Deixando a *Bíblia*, pelo estilo sem margem para interpretações casuística dos viajantes naturalistas mais modernos, vamos ver como todas essas imperfeições ainda se conservam nos homens.

O esquimó sabe que a neve se derrete na boca; ele vê um pedaço de vidro, substância que se parece com a neve, e conclui imediatamente que o vidro deve derreter-se na boca (Dr. Gustavo Le Bon).
O zulo mastiga com ardor um pedaço de pau na esperança de abrandar o coração de um outro zulo a quem quer comprar uma vaca (*Ibidem*).
As combinações mais simples são impossíveis para os selvagens. Os australianos, ou papuas, os bosquímanos, os hotentotes não podem contar além de cinco. Muitas tribos não passam do número três (*Ibidem*).
Se um selvagem do sul da África aceita a venda dos seus carneiros tendo de receber 2 maços de tabaco por cada cabeça, é preciso ir comprando carneiro por carneiro; se, por exemplo, se toma dois carneiros duma vez e se lhe entrega quatro maços de tabaco, ele não compreende a operação e exige a simplificação do processo (Galton, *apud* Le Bon).
Os tasmanianos não têm palavras para exprimir ideias abstractas. Não há no seu vocabulário nenhuma palavra para as qualidades abstractas como — dureza, calor, frio, doçura, etc. Para dizerem que uma cousa é dura, dizem que ela é dura «como uma pedra», para mostrarem que é longa, dizem que é longa «como umas pernas compridas», para designarem que uma cousa é redonda, dizem que é redonda «como a lua», etc. (Milligan, Sayce, *apud* Le Bon).
«Eu quisera que os negrófilos da Inglaterra pudessem ver como eu o coração da África; as suas simpatias desapareceriam. A natureza humana, vista no seu estado primitivo entre os selvagens deste continente, não se eleva acima do nível do bruto e não pode ser comparada com a nobreza do cão. Estes negros não sabem o que é reconhecimento, piedade, amor, dedicação; eles não têm ideia alguma do dever ou de religião; a avareza, a ingratidão, o egoísmo e a crueldade são as suas qualidades distintivas.
Todos são ladrões, preguiçosos, invejosos e dispostos a exercer a pilhagem. Sobre os vizinhos mais fracos ou a reduzi-los à escravidão.» (Samuel Baker, *apud* Le Bon).
«Quando nós penetrámos nos bosques (*da Austrália*), não encontrámos senão criaturas que tinham bem menos do homem do que da besta: selvagens que se matavam para se devorarem uns aos outros que desenterravam os seus mortos, mesmo três dias depois de sepultados, para se alimentarem com eles num caso externo; maridos que, por nada, matavam as mulheres; mães que davam a morte à sua terceira filha, alegando apenas o número excessivo de mulheres; selvagens que não adoravam nenhuma divindade nem verdadeira nem falsa.» (Padre Salvado, *apud* Le Bon).

(Continua)

[(1881), *A Republica Federal*, ano II, nº 15, 26 de Julho (Ponta Delgada)]

NADA NASCEU NEM NASCE PERFEITO
(conclusão)

Lubbock, citando Dalton a respeito dos selvagens do interior de Bornéu, escreve: «Eles vivem absolutamente no estado natural, não cultivando a terra e não habitando em cabanas; não comendo nem arroz nem sal; não se associando entre si, mas errando nos bosques como bestas ferozes, e unindo-se macho com fêmea pelo meio dos *jungles* ([5]). Quando os filhos são assaz desenvolvidos para tratarem de si, separam-se para sempre de seus pais. De noite, eles dormem debaixo das árvores, em volta das quais põem fogueiras para desviar as serpentes e animais ferozes. As suas vestes consistem em um pedaço de casca» (*apud* Le Bon).
«Como se deve esperar de povos tão primitivos (*trata-se dos papuas*) a organização social está ainda no período embrionário. Nada de governo, nada de leis, nada de costumes, nada de sacerdotes, nada de autoridade obedecida e respeitada.
Não há ali senão um conjunto de individualidades absolutamente livres e independentes, ligadas entre si apenas por exigências interesseiras, e que, apesar disso, coisa curiosa, são todas solidárias umas das outras» (Raffray, *apud* Le Bon).
«Aqui (em *Munyema — África central*,) os habitantes parecem amar-se muito uns aos outros... mas, sejam embora tão numerosas as suas qualidades, eles não são menos antropófagos, e duma antropofagia repugnante. Eles não se limitam a comer os homens mortos no combate, também os que morrem por doença. Eles fazem macerar os seus cadáveres na água corrente, até que as carnes estejam quase em putrefacção, e devoram-nos sem mais preparado algum» (Cameron, *apud* Le Bon).
Os nossos católicos costumam chamar à sua religião *as crenças de todos os povos*. Convém pois mostrar àqueles a quem estes senhores pretendem enganar, que a imperfeição humana toca também este ponto.
Há selvagens cuja ideia de religião é completamente nula. Nos extractos que acabamos de fazer, já há alguns dados a este respeito; mas temos os seguintes, um dos quais, o do jesuíta Baegert, é ainda outra bengalada no agressor com a sua própria bengala.
O missionário jesuíta Baegert (será suspeito?) afirma que os índios da Califórnia não têm nenhuma palavra que exprima a ideia de Deus, nem adoram nenhuma divindade (*apud* Le Bon).
«Entre os viajantes recentes que reconheceram a ausência completa de ideias religiosas em muitos selvagens, limitar-me-ei, diz o Dr. Le Bon ([6]), a citar o célebre explorador da África, Sir Samuel Baker. Na relação da sua importante viagem (*Descoberta do Albert N'yanza 1868*, trad. franc., p. 165), ele é obrigado a reconhecer que os habitantes dos países, até então inexplorados, que visitou, «não têm nenhuma ideia de dever ou de religião». A declaração tem a maior importância porque o seu autor é animado de sentimentos religiosos muito desenvolvidos, que além disso, ensaiou em vão incutir nos selvagens que visitou.
«Quando se quer explicar aos cafres o que é a criação como entendem os europeus, eles respondem que tudo se fez por si mesmo e que cada coisa nasceu pela sua própria vontade.

([5]) Os *jungles* são paragens semi-desertas cobertas de árvores, ervas altas, canaviais, etc..
([6]) *L'homme et les sociétés*.

Realmente, é preciso que os filósofos tenham reflectido bem pouco sobre o desenvolvimento da inteligência para julgarem que a ideia de causa e de criação tivesse podido germinar jamais no cérebro dos primeiros homens.
Quais são os camponeses, ou mesmo homens instruídos; que têm consagrado um momento da sua existência à indagação das causas dos fenómenos de que são testemunhas, ou que tenham perguntado porque nasceram e porque devem morrer, porque é que a espiga amadurece aos raios do sol, porque é que o outono sucede ao estio e o inverno ao outono, porque é que a bolota se torna um carvalho e a criança um velho, e o para quê de tantos mundos brilhantes que cintilam no espaço?
No cérebro do homem primitivo, como no dos selvagens de quem acabamos de falar, Tais questões não se apresentaram nunca. Como ainda sucede com o camponês de nossos dias, o que o cercava parecia-lhe muito simples e não lhe provocava a mais pequena admiração» (Gustavo Le Bon).

Eis aí fica a *perfeição* de que ainda não pode libertar-se o maior número dos homens actuais!
Considerando que, mesmo assim, este estado é a resultante da elaboração dum passado imenso, para o que basta lembrar quanto é dependente, gradual e lento o aperfeiçoamento intelectual de qualquer indivíduo, quanto tem sido trabalhoso o de cada geração, subtraí pelo pensamento uma por uma as parcelas desse ínfimo progresso, adquiridas dia a dia durante esse passado incomensurável, e não será difícil terdes a representação logicamente exacta, materialmente demonstrada pela Pré-História e pela fisiologia, do estado físico intelectual e moral dos primeiros homens — a brutalidade por excelência.
Pelo menos, tereis compreendido que admitir um Deus que fez uma humanidade perfeita, para a deixar cair no bestial dos selvagens de hoje, é atribuir a essa divindade uma imperfeição tão monstruosa quanto seria elevada a criação dum ente imperfeito, mas sempre dotado de perfectibilidade.
E então haveis de dizer como Onimus: — Tudo o que a imaginação do homem tem inventado até hoje, nada vale ao lado do quadro grandioso que nos oferece a realidade. «A ciência moderna vai-se tornando o mais belo dos poemas» ([7]).

Ponta Delgada, 28 de Junho de 1881

([7]) *Apud*, Büchner – *Força e Matéria*.